



A PELE DA PITANGA EUGÊNIA UNIFLORA

(JÉSSICA IANCOSKI)

Na vermelhidão de advérbios, carnívora talvez e vinda tão de dentro, a palavra nesse A pele da pitanga, se apresenta escancarada e incisiva: vai escarafunchar aqueles meandros mais escondidos, vai cutucar as certas ocas das vozes mansas e se esgueirar por aqueles recônditos que, às vezes (para preservar confortos) alimentam complacência e indiferença. Não aqui, não a partir daqui, porque essa poesia é artefato de denúncia e não teme expor questões que pulsam pedindo atenção.

É preciso dizer, às pessoas perceptivas, que desejam transformar percepções em ação, que a máxima é a de que todos os tempos são de luta: reafirmar identidades, promover humanidade, instaurar políticas de descolonização, proteger quem precisa de reconhecimento, respeitar diferenças e vivências, denunciar injustiças, apagamentos e a violência dos discursos de poder. Nessa trajetória, contarmos com a Arte como nossa aliada. Assim, sob a pele de Eugênia Uniflora, é essa a proposta da poeta Jéssica Lancoski, que articula meios de reflexão para um estado de consciência, visibilidade e cuidado.

E se rebela e se revolve a terra, e diz de esperança, e desmascara sombras e matanças, lamenta num teor poético que, ao mesmo tempo, ressuscita, empolga, revigora nosso olhar. Uma poesia do grão, da semente, da brotação. Uma poesia do céu, das estações da terra, do alimento, dos corpos e da fertilidade. Pensar caminhos, desde tudo que corresponde ao ancestral até o presente – que sejam bonitos e dignos. Que sejam poéticos. Ninguém mais Iracema, ninguém mais levando o (nosso!) céu – falemos agora e sempre de Vidas. É ofício de poeta promover florescimentos. Pois deixe-se, aqui, florescer.

A PELE DA PITANGA

EUGÊNIA UNIFLORA
(Jéssica Iancoski)

Copyright © 2021 by Jéssica Iancoski

Direção editorial | BELISE CAMPOS e MABELLY VENSON
Design de capa, projeto gráfico e diagramação | JÉSSICA IANCOSKI
Revisão e preparação | SILVANA GUIMARÃES
Suporte comunicacional | JOÃO VICTOR SOARES
Suporte logístico | SABRINA IANCOSKI
Suporte institucional | BELISE CAMPOS

Todos os direitos desta edição reservados à
ASSOCIAÇÃO TOMA AÍ UM POEMA

Avenida Paulista, 1636, Conj. 4, Pav. 15
01310-200 — São Paulo, SP — Brasil
www.taup.top
[instagram.com/tomaaiumpoema](https://www.instagram.com/tomaaiumpoema)

3ª edição, 1ª impressão
Tiragem 1500 exemplares

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JANAINA RAMOS – BIBLIOTECÁRIA – CRB-8/9166

l11a

Iancoski, Jéssica
A pele da pitanga / Jéssica Iancoski – Curitiba: Eu-i, 2021.

88 p.; 14 X 21 cm
ISBN 978-65-81362-19-5

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. 3. Geopolítica ambiental. I. Iancoski, Jéssica. II. Título.

CDD 869.91

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
I. POESIA: LITERATURA BRASILEIRA

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA
SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR





**É PRECISO
DIZER
QUE
FOI
INVASÃO**

POR **KAÊ GUAJAJARA**

Na conjuntura colonial, visando integrar as identidades étnicas da identidade brasileira, o Estado operou juridicamente com o conceito de categoria transitória para os indígenas. Tal compreensão questionava a humanidade dos povos originários, assumindo-os como primitivos, e foi a partir de entendimentos como esse que se instauraram políticas que conduzissem os indígenas a abandonar suas identidades originais. Com o tempo, os povos indígenas deveriam ser civilizados, após sua submissão à política paternalista e tutelar.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nasceu aliada a esses interesses, criada a partir do mesmo órgão que serviu ao genocídio dos povos originários, o Serviço de *Proteção* aos Índios (SPI).

Não é difícil perceber que esse órgão, em praticamente toda a sua existência, serviu e serve ao governo majoritariamente racista, e nunca diretamente aliado aos povos originários e aos seus interesses. O que acontece é que as políticas estão oferecendo apenas migalhas e jamais a autonomia, com respeito à identidade, enquanto criam políticas que flexibilizam a invasão por garimpeiros, fazendeiros e madeireiros.

Tanto não há respeito à identidade indígena, que se tem notícias de que a Funai inseriu itens culturais, como o cocar, em povos que antes não tinham esse objeto nas suas vivências diárias. O mesmo aconteceu com o Toré.

Mas por que a Funai faria isso? Bem, para criar critérios que construíssem uma identidade indígena homogeneizada, resultando em uma classificação padrão, mesmo

sabendo da existência de diversos povos indígenas, culturalmente diferentes.

Isso sem falar da criação de uma figura folclórica que é o “Índio”, em que a palavra carrega uma conotação ideológica muito forte, atrelada ao período colonial.

Afinal, é a Fundação Nacional do Índio e não do Indígena.

Também precisamos lembrar dos 305 povos étnicos e das 274 línguas indígenas faladas no Brasil e que essas identidades, apesar de toda a complexidade que as atravessa, não adotam exclusivamente para si a identidade nacional do brasileiro, uma vez que possuem as próprias, e lutam para mantê-las vivas, mesmo com todo o esforço do Estado brasileiro em destruí-las e apagá-las.

Eu não sou brasileira, não sou filha dessa pátria que me *genocida*, que me apaga, me humilha e que me quer morta ou padrão.

Quando alguém tenta deslegitimar minha identidade com base no que o Estado criou para me identificar, penso que estou acordada diante dos muitos que dormem no coma da visão colonial.

Dizem que descobriram, que inventaram, que criaram, que são os donos dessas terras, mas isso não está certo. É preciso dizer que foi invasão, que houve violência, estupro, assassinato e que eles ainda não pararam.

Eles ainda continuam sem demarcar as nossas terras, tomando-as para si.

Eles continuam propagando mentiras e narrativas que servem para fomentar o racismo estrutural e o apagamento dos povos, para continuar trabalhando em cima de nós como se fôssemos meras fantasias do folclore.

O indígena não mora mais exclusivamente na mata, emocas, não anda pelado, não se pinta e não usa cocar o tempo todo. Sim, estamos nas matas, nas aldeias, nos campos, mas também estamos nas cidades, nas favelas, nas construções. Usamos celular, vestimos roupas, consumimos, falamos o português... Mas nada disso nos torna menos indígenas.

Também não podemos esquecer que a nossa presença na cidade é fruto da colonização. Não é uma escolha. É sobrevivência. E mesmo na cidade, de qualquer lugar, devemos continuar fazendo a nossa luta, pois a colonização continua avançando sobre os nossos corpos.

Minha experiência sobre isso é a seguinte: tenho recebido ataques como difamação, calúnia e deslegitimação da minha identidade por aqueles, alguns inclusive indígenas, que alegam que eu não sou Guajajara, pois não nasci em território demarcado pela Funai e, também, porque a aldeia onde faço a minha luta hoje, no Rio de Janeiro, não é demarcada pela Funai.

Atualmente, há uma disputa de narrativas acontecendo que não acolhe tudo o que ocorreu com os povos originários.

De um lado, há os que, como eu, não vieram de terras indígenas demarcadas e que sofrem diariamente com as consequências da história. Do outro, há os que

defendem que todos os povos indígenas estão e sempre estiveram nessas terras.

Apesar de todo o território brasileiro ser tradicionalmente terra indígena, a luta de hoje não está pedindo que todo o território seja demarcado. Atualmente, a Funai reconhece 672 terras indígenas. Delas, 428 são regulamentadas e 12, homologadas. Outras 36 são reservas e não passam pelo processo de demarcação.

Isso quer dizer que o Brasil tem aproximadamente 200 terras indígenas “esperando”, as quais não estão livres de conflitos e são submetidas à violência do Estado, de garimpeiros, madeireiros, mineradores, fazendeiros, etc.

Isso sem falar de muitas terras que eram tradicionalmente indígenas e que foram tomadas a tiros, outras com correntões, e que dizimaram muitos povos indígenas, como aconteceu com os Jumas, por exemplo.

Nos anos 1960, houve um massacre patrocinado por comerciantes de sorva e castanha no município de Tapauá que matou pelo menos 60 indígenas, deixando apenas 7 Jumas vivos, que conseguiram escapar e abandonaram suas terras.

Não podemos esquecer que o último Juma, Aruká, morreu este ano (2021) de COVID-19.

No Brasil, há vários cenários como esse, inclusive o da minha família, que passou por muita violência, escravidão e estupro em Seringal e fugiu, buscando exclusivamente por sobrevivência.

Parece-me estranho exigir que um indígena venha de uma terra demarcada se o órgão responsável não está interessado em realizar as demarcações e se há toda uma história anterior de povos que tiveram que abandonar suas terras para não morrer.

Para efeito de visualização da gravidade da situação, é importante dizer também que o governo federal não homologou nenhuma terra indígena, nos anos de mandato da gestão atual (2019-2022).

Isso sem mencionar as flexibilizações da lei promovidas em prol da exploração ilegal das terras indígenas, os comentários racistas e ofensivos corriqueiros nas falas oficiais e os ataques sistemáticos aos direitos dos povos indígenas consagrados na Constituição de 1988.

Definitivamente, são tempos de luta.

Penso que as Artes, de forma geral, são grandes aliadas. Em minhas letras, por exemplo, procuro trazer reflexões em tom de denúncia, que ajudem na descolonização do pensamento e da vida, não só do indígena, mas das relações praticadas em sociedade.

Também existe o fator da identificação, visto que é transformando em arte, dando a forma de palavra aos sentimentos e às vivências que se faz ecoar no outro, no próximo. É por isso que a arte é tão forte e ameaçadora aos governos: ela distribui informação, gera consciência e traz visibilidade.

É exatamente esse tom de denúncia e de visibilidade que a Jéssica conseguiu promover em *A pele da pitanga*, resgatando elementos da cultura, da história e do ritmo indígena, para falar sobre os processos de urbanização, expor denúncias e mexer em feridas antigas.

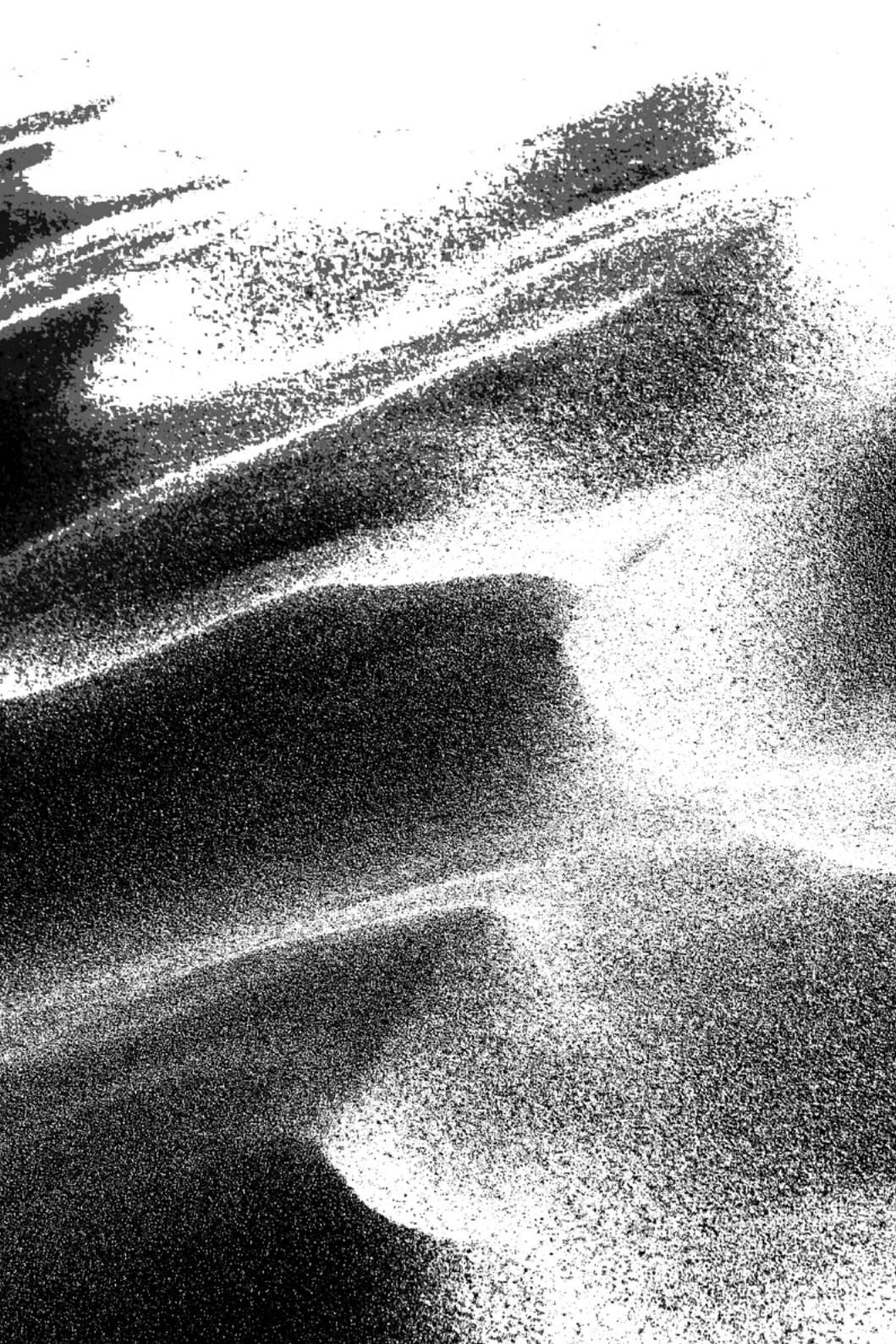
E, é claro, com um cheirinho de primavera!
De flores e folhas novas!

Para finalizar, queria dizer que acredito que o ideal da democracia seria todas as pessoas ter o direito de viver e existir. Por isso, luto pela demarcação, pelo território, por políticas públicas aliadas aos interesses indígenas e pela reparação histórica, não só a nós, mas a todos aqueles que até hoje sofrem com as consequências da colonização.

Eu acredito num futuro que para mim é ancestral. Sem corrida pelo ouro, sem buscas coloniais, sem brigas e sem intrigas, que muito tem a ver com tudo o que aconteceu neste país.

Eu acredito que um dia as feridas possam sarar e que seremos capazes de nos importar com aquilo que somos, com o solo que pisamos, com as sementes que plantamos e com as raízes que nos unem por dentro da terra.

O Brasil veio depois de nós.





ADVÉRBIO

Para Belise Campos

a palavra é avermelhada
talvez carnívora e pouco reflorestada
vale mais extirpada
da terra do âmago
e do ventre esmirrado dos homens

a palavra é servida crua e explorada
ao pé de mesas de pau-brasília
maracutaia estripada
estrupício estropiado

solimões, urucum,
cachaça de jambu
colorau guaraná
buriti pupunha
pirarucu tucunaré

a palavra é tinta genocida
e desmancha facilmente o advérbio
pororocas levantando sangue de verbo
jorrando brasis sem modo,
com intensidade, lugar e tempo
e demasiada negação desmatada,
macunaíma desvairada.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

a terra vai se rebelar
“as florestas precisam ficar em pé”
diz cacique Raoni

carnaval de pandemia
tem praias cheias,
vejam fotografias

: tambaba guarita tabatinga
imbé moreré tupé
curuípe xangri-lá camburí
maracajaú taipu embaú

a doença não existe
afirma turista no litoral sul

funai é ruralista

Aruká, último do povo Juma
morre vítima da pandemia
em Xingu ação de imunização
na base Diauarum
campanha antivacina nas aldeias
preocupa liderança indígena

turismo cai
banhistas batem recorde
trocam blocos por praias lotadas
evitam máscaras e
não massacres

*“quando a árvore fica em pé,
faz sombra e fica frio
faz sombra e fica frio”
fica frio*

nadar nadar nadar
e morrer na praia na praia
e nada e nada
aglomeração piara
futuro incerto paira sobre vidas
e idas à praia à praia
pegar jacaré genocídio
presidente de biquíni
topless
e morre o índio

MAMA NA TETA DA MATA

quem desmata
mata não só a mata

mata e ninguém fala
mata e o estado cala

matam a mata
matam à bala

a boca brasileira cala
a cara brasis nata

a boca branca bebe e
mama na teta da mata

a boca branca mata
e mama na teta da mata

mata e mama
na mama da mata

mama e mata
— é mamata

ALUGA-SE

a terra era indígena
a construção foi escrava
só a placa que é branca



TUDO AQUI
É TERRA INDÍGENA

IBIAPINA

no ibi há Macaba
Emburi Indaiá

Guirá que pia
não é só sabiá

: tem Jacu Macuco
Maritaca Tangará

vida com mais potira
se não fosse Ibiapina

é uma pena é uma pena
a Ibiapina a Ibiapina
a Ibiapina

RADICAL

só há terra indígena
tudo é do índio

palavras são do índio
terra é do índio
canto é do índio
brasil é do índio

índios- não há
só há índios

indioleto idioma
indílios indiovidual
indiolatria indiotipo

: tudo é índio-

NÃO É UM CANTO, É UM LAMENTO

criam boi em terra indígena
plantam soja em área ilegal
desmatam até a última pena
tiram o couro do solo animal

é uma pena é uma pena
é uma pena, um vendaval,
um coro, um lamento de aves
no desmatamento tropical

ararajuba arara arapapá
japim japu juriti-pupu
saurá suiriri surucúá
udu urubu uirapuru

PRELÚDIO

ameríndio — incêndios
genocídio — negócios

além de rimas, vítimas
prelúdio para o fogo.
o rogo o rogo o rogo

ayuru amary amapá
aguapé anamí inajá
macaúba maniva ubá.

GARIMPO

é só soja e boi
 soja e boi
 soja e boi

é a logo é a logo é a logo

garimpo ogro
garimpo ogro
garimpo ogro

ogro é o agro é o agro é o agro —
 negócios



O AGRO É POP POP POP

a indústria riqueza do país
não é agro não é gado
não é cana não é milho¹

: é conto para boi dormir
cenas de apologias semifeudais
escavidão, herança colonial
dos filhos da p***pátria
dos sacanas, jamais em cana

plantam pobreza pelo povo
para produzir patrimônio
posse propriedade privada
para patrão
— picuinha da pecúnia

¹o milho pipoca
é moeda que sufoca
o agro só é pop
se ser pop

() for ser **pop pop pop**
<  --- **pop pop**

NHE'ENG

próprio,
privado,
pessoal

nhenhém

ídio- ídio -ídio
é idiotice

: nhe'eng nhe'eng nhe'eng

xiu!
é tudo do índio

AUTÓCTONES

o Brasil não é o rio
de janeiro a dezembro
já diziam os nativos
Kara'iwa Oka
cari.oça
casa de branco

Kajaíba Juruá
Pariwat Però Kirahi
Kupen Napëpë

estrangeiro inimigo
cabelo com boca europeia
o outro que não pertence

o Brasil não é branco
está embranquecido

O ÍNDIO DO GRINGO

Para Edivan Fulni-ô

o índio do gringo
é um restingo é um
restingo um restingo

é um episódio é um
episódio um episódio

é um lingo lingo é um
lingo lingo um lingo lingo

é um Ilídio é um
Ilídio um Ilídio

é um pingo é um
pingo um pingo

é um assédio é um
assédio um assédio

é um xingo é um
xingo um xingo

ÍNDIO INDO FINDO

funai indo ditar
quem é que é o índio
quem é que não é índio
que que quer o índio

o índio indo deitar
indo deitar o índio

caripunas jumas
ofaiés caetés
suruís cujubins
naruvotus sirianos
ajurus acuntus

quem é que é o índio
quem é que é o índio

tremembés tapirapés
carajás camaiurás
guaranis guajajaras
pataxós potiguaras
macuxis maxacalis

funai indo deitar
indo deitar o índio
o índio o índio indo
indo índio indo findo

LÍNGUA BRASILEIRA

atualmente as principais
línguas nacionais são

1. tikuna
2. guarani kaiowá
3. kaingang
4. xavante
5. yanomami
6. guajajara
7. sateré-mawé
8. terena
9. nheengatu
10. tukano
11. kayapó
12. makuxi

antigamente
marquês de pombal
proibiu o uso e ensino de tupy
principal língua — brasileira
depois decretou o português
como língua oficial

política pombalina permitiu
maior domínio sobre brasileiros
por colonos brancos

é por isso que no brasil
hoje se fala o português
e não os idiomas brasileiros

AULA DE HISTÓRIA DO BRASIL

o desaparecimento das populações originárias se deu basicamente por quatro fatores:

1. a dizimação promovida por **colonizadores**;
2. as doenças europeias espalhadas como **epidemias**;
3. a **miscigenação racial** e, principalmente,
4. a **perda dos valores e da identidade indígenas** ao longo dos séculos.

Todos os fatores (1,2,3 e 4)
têm um único
denominador comum:
o branco-
centrismo¹

¹ ...),
//_) / “Não temam!
(“\” \ EU cheguei para
_ -/ **SALVAR!**
,---/ ‘---.

MILHO NA TERRA CRESCE CRESCE

grão deixado que
terra fecundou
cresce ao acaso
de ocaso em ocaso
no solo sagrado

céu vai indo
céu vai vindo
pilão pulando
e

: milho na terra
cresce cresce
o milho baila
indo e vindo
indo e vindo

alimento sacro
elo entre a
resistência da
existência
afroindígena

onde o trigo
~ nobre
não vinga
e choraminga
é preciso
separar o
joio do milho

angu ugali fufu
munguzá acaçá
pamonha kanzika
fubá aluá pĩ'poka

pixé buré tsadaré
mbyta ki'rera gãr grã

protetor dos corpos
desprezados discriminados
diferentes
iguais

duro doce dentado
mole roxo vermelho
azul colorido

zea mays
abati mielies milho
cura dos males
— da pele

prosperidade
fertilidade
sobrevivência
luta

milho na terra
cresce cresce

cereal, ceres
seres
vida

PATÓGENO

a mancha-branca-do-milho
espalha-se pela plantação
massacrando o milharal
grão por grão vermelho
olho por olho cereal

como sarampo gripe varíola
tuberculose febre amarela

a mancha-branca-do-milho
espalha-se pela plantação
aponta a patogenicidade
pantoea ananatis e
phaeosphaeria maydis
na planta do abati
auati avati zea mays

oportunistas posteriormente espoliam
sobre a mancha-branca-do-milho
espalhando-se pela plantação

epicoccum nigrum, pithomyces chartarum
leptosphaeria sacchari, cochliobolus geniculatus
alternaria alternata, glomerella graminicola

aumenta nas lavouras
propagação proposital
em milhares de milharais
para fins rurais.

— há virulência

CAUSADOR DE DOENÇAS

viam o milho
com maus olhos
— causador de doenças

antas tantas
venta e levanta
tantas ~~certezas~~ → sentenças

_ - _ cada um vê
_ ; _ - _ no dilema
_ ; o problema
, e a cisma
_ - que carrega
em si a esmo

heroísmo
egoísmo
----- **racismo**

REDEÇÃO DO CAN

três gerações

: avó negra

mãe mulata

pai e

filho

brancos

mãos erguidas

para o céu em

agradecimento

busca pelo embranquecimento

através do véu

dissolução

das raças

está longe

de redenção

é outro crime

de colarinho

branco

violência

e violação

da vida

velados

enquanto
peu peu peu
vela-se
o corpo
não-
europeu

o caminho
da emancipação
não é hibridação
miscigenação
— — extinção

é a reparação
da desigualdade
racial
 libertação de
 qualquer
ideal eugênico

MISOGENIA

população
brasileira bastante
divergente

amarelos brancos
pretos pardos
indígenas

mostram pesquisas
brasileiros pre—dominaram

ancestralidades europeias por parte de pai,
ancestralidades africanas e ameríndias
por parte de mãe,
violação em odisséias.

população
brasileira bastante
condescendente

padrão sexual masculino da etnia
do homem branco colonizador
muito além de qualquer teor
de miscigenação
genes de misoginia

MÃE GENTIL

mãe gentil brasileira
dos filhos do solo
da terra mais garrida
dos campos mais bonitos
dos bosques com mais flores

é a mãe gentil
mãe gentil
mãe gentil
brasileira

dos filhos das flores dos filhos do fruto
dos filhos do solo dos filhos das dores

é raiz chamada brasileira
índia negra mulata cariboca
a nação é mestiça o pai branco
fecundou a terra em geral pela força
gerou descendentes por defloramento

mãe gentil
mãe gentil
mãe gentil

palavra que ecoa sem decência violência nacional

descendentes do
estupro — raiz da
democracia racial

NÃO HÁ PERDÃO

as vidas indígenas têm sido perdidas
e para isso não há perdão

lideranças e anciãs e anciões e crianças

governo federal em ações tardias e sem eficiência

motivações às invasões
de terras apoiadas pela
presidência indigenista

aumenta a presença de
garimpeiros grileiros madeireiros em aldeias

período pandêmico
índios infectados
casos confirmados
extermínio extra

violações aos direitos
negativa do governo
funai envolvida

lideranças e anciãs e anciões e crianças

implementação de mais de mil mortes

medida inconstitucional

golpe do estado federal

MATARAM MAIS DE 60 PELA SORVA

povo juma foi
demasiadamente dizimado
por evitar contato civilizatório
por proteger seu território de invasão

comerciantes provocados
pela ideia de fortuna
e com dinheiro arrecadado

contratam expedição pra tomar a sorva
da aldeia da região

índios à sova à sova sobra sova sobra sova
pela sorva pela sorva soberba soberana
estorva e cava cova e cava cova e
cava cova

por riqueza assunto caiu em oblévio

estado astuto e sovina grita

é uma ova é uma ova e desova e cava cova
e cava e cria cova e desova

agora índios indo
à sova indo à sova
e sobra sova e sobra sova
pela soja pela soja

CADUCA-NAÇÃO

prometem o progresso da nação
como se fosse proporcional
ao desmatamento e destruição
da reserva legal rural

mas

nenhum país virou potência
explorando e exportando grão

os filhos da pátria precisam
de mais ciência e educação

— e não caduca-nação

[S(50)S]

Para Roger Moreira

filhos da matéria não
são tudo tudo
filhos da pátria
filhos do putro

o estado o estatuto
o status do produto
o tributo o viaduto
o corrupto astuto

tudo tudo
filho do putro

só o fruto que não é
filho do putro

fruto é filho
da folha
filho da
mãe-terra
em luto

NAINECÜ

floresta é coberta
verde-bandeira da terra

de cima até parece
tudo meio igual
mas só quem é de
dentro sabe
qual que'é qual

patauí jatobá pamá
bacuri apuí capinuri
andiroba taniboca sorva
ucuuba açacu embaúba

floresta é coberta
verde-bandeira da terra

kajaíba juruá
pariwat peró kirahi
kupen napëpë

ibiapina tanta
que pindorama
finalmente foi
~ descoberta

NOTA

tchawü¹,
poene, tchi', türüne,
carü, aura, ivira, yure, bübüri, tcha',
omawa, owü, tü', te'ra, tche'e, arupane, oçayiwa,
ngau'tü, tchi'ã, cauta, de'ma, ngetchi, witchi, tauwe, ca',
tcha, barü, ngape, murumuru, morü, dü, borua, itauwa,
nhomane, towari, cumatchiwa, yaneruba, tchare, cupawa,
wocapurana, tchutchuwatça, yomeru, aru, yura, peyü, uatchiwa
copumuri, tchowaria, mulateiro, coquita, matamatá, seringueira,
anauírá, castanha-de-macaco-, envireira, marupá, maçaranduba,
taniboca, embaúba, anani, cedrorana, sucupira, acapu, louro, cedro,
ucuuba, açacu, capinuri, nanarana, mapati, jutaí, manixi, sorva,
uixi, araçá, pamá, araratucupi, cupuí, paxiúba-barriguda, caranã,
urucuri, parauá, bacaba, itaúba, carapanaúba, pau-d'arco,
paracuuba, andiroba, cicantã, chuchuacha
copaíba, acapurana,
avaí, taperebá,
tururi-vermelho
pixiubinha
buriti
mulungu
samaúma
guapuruvu
angicó - caá

¹derramam

sangue urucum
arrancam terra-mãe pela raiz
silenciam cantos um por um
matam e cortam a mata-país
porque floresta vale mais
como cifrão solo lenha tora
grão gado papel e nota

SAGA ASSASSINA

corta mato
raspa terra
seca flume

cria gado
planta soja
mata índio

aquece
polui
adoece
degrada

o agro é
kótita
ipió
çuçô

o agro é sujo

mentiras, mentiras
namím!

indústria da
palavra —
ou da falta
dela

— iátó, iátó
agro!

TORRA TORA

ora-ora ora-ora
não é de agora
o agro é ogro e
demora derrama
gora e jorra tora
derrama rama e
torra e rouba flora
e fauna chora e
ora-ora ora-ora

o agora mata
o agro mata

mata a mata
mata o mato
mata a mátria
mata o ato

ora-ora ora-ora
o agro é pátria
e demora gora
e jorra tora

torra tora torra
tora torra tora
e ora

ERVA DANINHA

nativa europeia
hera da terra
erva daninha
angiosperma
trepadeira

glechoma
hederacea
sugadora

crecem sem
capacidade de
se sustentar

para
ascender
necessitam
de suporte

sobem solo
sugam seiva
secam selva
surram seio

seio de mãe-terra

ficam raízes
em área
roubada

ou

: ervas danadas
espalham-se
soltas pelo solo

criam competições
água nutrientes e
luz solar

incômodo

há milênios
atrapalham plantações

enquanto
plantas nativas
murcham e morrem
adubam a ancestrais

estrago gigantesco
maior do que mil e cinco
naufrágios
ou todas
as caravelas

RITMO INDÍGENA

toca canta dança	mas eles têm
certeza plena	música indígena
sem harmonia	nem melodia

agogô caxixi catacá curimbó tacapú maracá

“não é arte é gemido e
choro gemido e choro”

então

geme caxixi geme caxixi
chora curimbó chora curimbó
geme caxixi geme caxixi
chora curimbó chora curimbó

geme caxixi chora curimbó
chora curimbó geme caxixi
geme caxixi chora curimbó
chora curimbó geme caxixi

geme caxixi geme caxixi
geme caxixi chora curimbó
geme caxixi chora curimbó

geme caxixi geme caxixi
geme caxixi chora curimbó
chora curimbó chora curimbó

samba em língua
juruna é música
juruna é música
juruna

axé em língua
baré é música
baré é música
baré

rap em língua
tupi é música
tupi é música
tupi

forró em língua
ingarikó é música
ingarikó é música
ingarikó

funk em língua
mundurukú é música
mundurukú é música
mundurukú

música em língua
indígena é música
indígena é música
indígena

música indígena
em qualquer língua
é música indígena

A QUEDA DO CÉU

subiram florestas
de concreto e
construções
sobre o solo sagrado

levaram o céu
e ninguém viu
o céu caiu
foi queda

depois
aterraram com asfalto
agora

é impossível
tocar a terra
com os pés descalços
só há chão
a bolha de concreto
cresce e engole terra
a folha da samaúma
chora e cai no chão
a bela arara vermelha
chora e cai no chão
a casca da cigarra
piranga chora e cai no
chão a seiva urucum
pinga chora e cai no

chão chão chão chão chão chão o chão

não tem mais cheiro de chuva e cheira a concreto
cimento e construção caminham olhando para baixo
mas perderam a visão vagueiam e ninguém vê a vida
a ferida o sangue da floresta da samaúma da arara
vermelha da cigarra piranga da seiva ucurumo sangue
sagrado derramado espalhado pelas veias do extrato
terrestre matéria mineral húmus argila indígena rocha-
mãe.

LÁPIDE¹

sem
pre
vol
te
e duvide
to
do
pré dio
passado
e po
ema
é sem
pre
uma
lá pide

¹ do latim **lapis**, -idis. “pedra”

EPITÁFIO DA FOLHA

todo esquecimento se enraíza
na terra e nos vasos de tantas
veias e vidas perdidas

o mundo se vai
enterrado em notas frias
de dólares em euforia

bilhões e bilhões
e bilhões de folhas verdes
soterradas por vento

em um epitáfio pífio
: regenerando solos
entre urras e ternuras
da pulsão belicosa

homens sem rostos
buscam uma glosa
que justifique
“uma árvore tomba
mas sobra o pinho”

(ela se vai e leva consigo
mais do que a própria sombra)

enquanto comem torrão
e mastigam tostão
como se não existissem
os nossos filhos

ESPELHO OFUSCANTE

terras em troca
é uma ova é uma
ova é uma cova

índio não quer
espelho nem
apito nem
chocalho nem
nhenhêném

todo indígena já
conheceu a crueldade
do homem

explora e exclui
e explora e
agora?

a floresta acabou
a chama apagou
o povo sumiu
a noite esfriou
o espelho
rachou

o velho esfarrapado do rosto pintado
chama curumim e cunhatã
todo dia e toda hora é dia
todo dia e toda hora é hora
de retomada

NINGUÉM É IRACEMA

Para Yacunã Tuxá

apenas a mensagem é selvagem:

ninguém é iracema

passiva
submissa
erotizada

a visão colonialista
atrasa a autonomia

indígenas não andam
seminuas com pinturas
e cocar de penas
na cabeça

entenda,
identidade
não é acessório

e nem acessória

fora da aldeia
em território urbano
dentro da cidade

permanece indígena

vestindo camisa de pano
sandália saruel
short ou saia

INDÍGENAS URBANOS

indígenas urbanos buscando
sobreviver entre toneladas
de asfalto pesado

municípios e edifícios
inteiros levantados
sobre tanto tanto tanto
sangue derramado

memórias petrificadas
de filhos e pais em toda silhueta
das capitais

EM TODAS AS PARTES

convenções sociais
delimitam identidade e
modo de vida indígena

tribo selvagem cocar
penas floresta espelho
escambo apito chocalho
e tanga

já chega!

indígenas estão
em todas as partes

nas matas nas aldeias
nos campos nos cerrados
nas favelas nas cidades

contrariam estereótipos
caricatos criados pela
visão colonial

além da aparência
o corpo indígena carrega
toda a história de
um brasil patriarcal

o corpo indígena é resistência
ultrapassa o passado
sobrevive luta reestrutura-se

e faz sobreviver a verdadeira
essência nacional

o índio do gringo
é só um pingo

indígenas estão
em todas as partes

nas matas nas aldeias
nos prédios nos estúdios
nos edifícios nos bares
nas favelas nas cidades
nas ruas nas universidades

GENOC→ÍNDIO

em mil e quinhentos
população indígena
três a cinco milhões
→ cem por cento
cento e
cinquenta anos
depois
setecentos mil
na metade do século
vinte
cento e cinquenta mil
em dois mil e vinte
saga assassina ainda
assassinos sagaz

em quinhentos anos
filhos deste solo
caíram
do peito ao pleito
e à morte própria

de cem por cento
para 0.42%
→ menos de
meio por cento

tragédia na proporção
sem proporções
de cem por cento
para quase sem

SUIC→ÍNDIO

morte voluntária
consequência
da existência
em luta diária

falta perspectiva
identidade tutelada
falta alternativa
comunidade abalada

vida dividida

tradições culturais
indígenas
urbanizações tais
terrenas

violência autoinfligida
falta terra demarcada
ausência ameaça
diversidade nativa

→ suicídio entre
povos originais
chega até três
vezes mais

REBENTOS AO RELENTO

frutas
dizem tchau
enquanto passam
e pingam do pau

okay okay
 okay o fruto
 c
 a
 i babau

mas frutas
não maduras
estão em urras

frutos de
quinhentos anos
em surras

 pela chuva
pelo vento
pela mão do sedento
 que suga e
enxuga o pé

 quando não
 é
abscisão abscisão
 é abscisão

oh,
rebentos ao relento
rebentos ao relento
rebentos ao relento

por que laranja cai do pé?
por que limão cai do pé?
por que pitanga cai do pé?
por que jabuticaba cai do pé?

oh oh oh é alimento
pra jabuti jururu
e
praticamente
só

SÍNDROME DO BOM COLONIZADOR

a mão portuguesa
deixada de herança
estende-se pela gleba
e pela mata
como a chama se alastra
em derrubada
pelos solos solitários
da terra sequestrada

chimpam a chibatada
e chamuscam o chão
chamam de chamego

pregam que é progresso
mas nada mais é do que
o próprio inverso

chamego é chamiço
o sumiço do submisso
opresso em cancela

uma queimada quinhentista
de quase cinquenta hectares
amazônicos

— a dívida jamais
será quitada: é mais
provável que vire quitanda

PROTEJA OS NOSSOS ÍNDIOS

Para Mirindju

a placa fincada com recursos públicos
nos limites da aldeia

diz proteja
 os nossos
 índios

nossos?
 índios?
nossos índios?

o estado se acha dono

mas

o povo indígena
não tem dono
o povo indígena
é dono

o próprio estado
é o culpado

pelo garimpo
pelo genocídio
pelo suicídio

indianista
higienista
indigente

REALIDADE CONCRETA

indígena não tem que viver preso à história nem recluso em florestas sem aprender o português o que já aconteceu não permite revés ah, sem eira nem beira nem a priori indígenas não são figuras do folclore da nação e sociedade brasileira indígena não está nenhum pouco disposto a aceitar o lugar que é posto de direitos e espaços negados seja nas universidades mercado de trabalho e nas mil e uma artes

ARCO E FLECHA

ilês ele ela
indígena
que mora
na favela
não mora
na aldeia
mas leva
a ideia e
eleva a
aldeia
a veia
cheia
etnia

indígena
que mora
na favela
é a aldeia
na veia

indígena
que mora
na favela
é chefia
é guerreiro
é coletivo
é leva

colmeia
alcateia
aldeia



A PÁ E A LAVRA

lágrimas nascentes
como igarapés
diante da pergunta
e a palavra o que é?

existe uma lei que é
diferente de toda a lei

: a balança da justiça
sempre pesa em vintém

a herança, o musgo
a vigésima
parte de algo
sujo

vinte réis
criaram
vinte reis
que todo mês
condenam a tez
de novos vinte
réus

e a palavra o que é?

sopé do monte pascoal
maré que trouxe cabral
pontapé da imposta fé
legado do capital-café

O HOMEM DO BURACO

abrem as terras e artérias e
irrecuperável a vida vaza
para dentro esgalhando-se
veias e raízes penetrando a
matéria orgânica pedaços de folhas
caules cascas grilos e cigarras

mais fundo que o húmus está o homem
do buraco o último
do seu povo massacrado
por fazendeiros e grileiros
sozinho no meio do mato

resiste como folha que não cede ao inverno desastroso
a única espalhada ao longo do grande tronco da árvore
rapada juntar-se não é opção prefere a solidão já
atravessada por três décadas mesmo sozinho isolado no
meio do mato do bosque do arvoredo da boscagem do
dumo é possível sobreviver sem assentir gentilmente
ao gesto que doma destrói mata agride explora poluí da
cúpula dos culpados que jamais serão punidos

o homem do buraco
é o último guerreiro
da copa dos primeiros

GAVETAS DE MADEIRA DA LEI

enquanto passam a boiada
e a boiada passa
ouvindo histórias
de dormir

em nome do progresso
processos são engavetados
florestas são engavetadas
pessoas são engavetadas

tudo em madeira
da mais pura
 privilegiada
 espécie
 superior

madeira da ~ lei
da terra de ~ rei

ei ei ei ei ei

ipê tatajuba pinus
cumaru teca eucalipto
jacarandá cedro jatobá

ei ei ei ei ei

material de ponta
madeira de lei

comercial de alto valor
para o reles grei

ei, ralé
fazendo uma
grana branca
apoiados
nas tuas
flancas

— qualé?

a gana grana branca
a que mais espanca calada
a que mais baixa a mata
a que mais mata velada

a mais ofensiva
nociva na ativa

gana grana branca
gana grana branca

alva nívea láctea
caucásia clara cândida
como uma bofetada na cara
que nunca termina em nada

— engavetada

'YBÁ O-KUÎ YBYRÁ SUÍ

frutos da terra
pintando a pele
de vida de cicatriz
de urucum de raiz

jubá tinga
una piranga

em pé de quê?
: de pitanga

pitanga rosa
pitanga roxa
pitanga mato
pitanga branca

árvore porangaba
nativa brasileira
da mata atlântica

inteligente forte
resiliente curandeira
espalhada por cinco
continentes

'y é rio
yby é terra
ybyrá é árvore
ybá é fruto

cai da árvore
mas não cai
longe do pé
cai na terra e
verte-se em fé

em pé de quê?
: de pitanga

o fruto nutre
quando pinga e
a vida sangra
o grito vermelho
y'piranga

PELE DA PITANGA

caminhávamos pelo vazio
sem ter a certeza do que
éramos em essência
feitos de pó de semente
de terra ou de gente

você era os olhos do universo
expandindo-se como uma
pupila no escuro

: disperso

era a boca da brisa
os ombros do oceano
o crânio da chuva
os folículos da folha
a face da floresta
a pele da pitanga

você era eu, era ele
era nós e todas elas

tudo era você

a mão fechada do soco
dado em você mesma
e depois os dedos espadaúdos
dos afagos de desculpa

cada árvore caída
cada aragem manchada
cada água ruída
doeu ou doerá em você

em qualquer idade
ou realidade

porque aqui
tudo o que existe é você
só você

e eu
rotacionando-me no ciclo da terra
do sol do mar do fogo do solo
dos astros e dos antros

: a humanidade
que lhe encara com olhos de quem não crê.



SOBRA-SOVA (TRECHO) • 2024



ÍNDIOS	INDO À	SOVA
INVASÃO É	INVASÃO É	INVASÃO
SOBRA	SOVA	SOBRA
SOVA	SOBRA	SOVA
PELA	SORVA	PELA
SORVA	PELA	SORVA
ÍNDIOS À	SOVA À	SOVA À
SOVA	ESTORVA E	CRIA
COVA	ESTORVA E	CAVA
COVA	ESTORVA	ESTORVO
ESTRONDO	ÍNDIO	TONTO
ÍNDIO	BOBO	ÍNDIO
MORTO	ÍNDIO	INDO
FINDO	PARA	COVA
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
DESOVA E	CAVA	COVA
NOVA	COVA	DOBRA
COVA E	DESOVA E	CRIA

COVA	NOVE	COVAS
NOVOS	MORTOS	CORPOS
MORTOS	CORPOS	MORTOS
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
ÍNDIOS	INDO À	SOVA
INDO À	SOVA	INDO À
SOVA E	SOBRA	SOVA E
SOBRA	SOVA E	SOBRA
COBRA	PELA	SOJA
PELA	SOJA	PELA
SOJA	PELE À	PROVA
PELE À	PROVA	PELA À
PROVA	PELA	SOJA
PELA	SOJA	PELA
SOJA	ÍNDIO	FORA
ÍNDIO	FORA	ÍNDIO
FINDO	ÍNDIO	FERIDO
É DESOVA	É DESOVA	É DESOVA

EXTERMÍNIO EXTRA		EXTERMINA
ÍNDIO	EXTERMINA	ÍNDIO
EXTERMINA	ÍNDIO	EXTERMÍNIO
EXTRA	EXTRA	EXTRA
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
ÍNDIOS	INDO A	TIRO
PARA A	COVA	PARA
COVA	FOI A	COBRA
FOI A	COBRA	FOI A
COBRA	TIROS	RIJOS
TIROS	RIJOS	TIROS
RIJOS	ÍNDIOS	INDO A
TIRO	PARA A	COVA
ÍNDIOS A	TIROS	ATIRADOS
E TIRADOS	A TIROS	RIJOS
TIROS	RIJOS	TIROS
RIJOS	TIROS	RIJOS
EXTERMINA	ÍNDIO	EXTERMÍNIO

É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
É DESOVA	É DESOVA	É DESOVA
NOVA	COVA	NOVA
COVA	NOVA	COVA
ÍNDIOS	INDO	FINDOS
PARA A	COVA	ÍNDIOS
ÍNDIO A	TIROS	PELA
SOJA	PELA	SOJA
TIRO	TIRA	VIDA
TIRA	VIDA	TIRA
VIDA	ATIRA	TIRO
TIRA A	TIRO	ATIRA
TIRO	ÍNDOS	INDO
FINDOS	INDO	FUNDO
LATIFÚNDIO	ÍNDIOS	INDO À
FENDA	PELAS	VENDAS
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
É DESOVA	É DESOVA	É DESOVA

SOBRA	CORPOS	MORTOS
CORPOS	MORTOS	CORPOS
MORTOS	TIRO	CRIA
COVA	TIRO	TIRA
VIDA	ÍNDIO	GRITA
TIRO	TIRA	VIDA E
CAVA E	CRIA	COVA E
CAVA E	CRIA	TIRO
TIRO	CRIA	COVA E
DESOVA	ÍNDIOS	INDO À
DESOVA À	DESOVA À	DESOVA
CRIA	COVA	NOVE
COVAS	NOVOS	MORTOS
CORPOS	MORTOS	CORPOS
MORTOS	MOTORES	FORTES
MOTOS	SERRAS	MOTOS
SERRAS	SERRA	MERA
SERRA	RAMA	TRAMA

TREMA	PEGA	TRENA
TERRA	TREME	TERRA
TREME	TERRA	TREME
TOMBA	TORA	TOMA
TORA	TOMA	TERRA
TORRA	TORA	TORRA
TORA	RASTRO	ARRASTA
FOGO	ALASTRA	FOGO
ESTRALA	TOMBA	TORA
JORRA	TORA	JORRA
TORA	PEGA	TORA
PEGA	TORA	TORRA
TORA	TORRA	TORA
BRASA	ALASTRA	BRASA
ALASTRA	BRASA	ESTRALA
FAZ	ESTRAGO	FAZ
ESTRAGO	QUEIMA	MATO
MATA A	MATA	CRIA UM

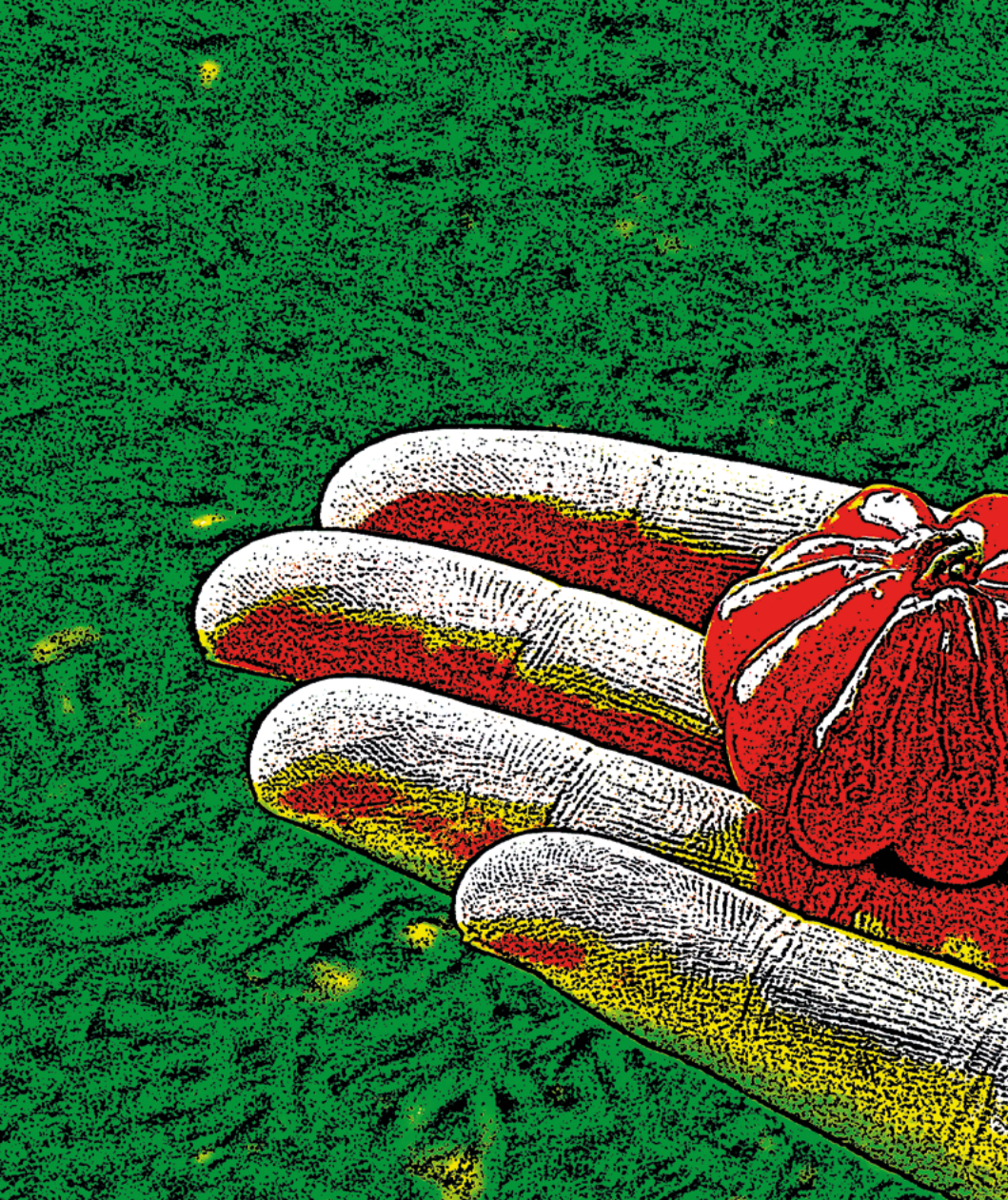
FARDO	FEDE	FARDA
FURA	TERRA	COBRE
RASTO	ENCOBRE	RASTRO
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
ORA	ORA	OLHA A
HORA	JORRA	TORA
JORRA	TORA	JORRA
GORA	TORRA	RAMA
TORRA	RAMA	TORRA
RAMA	ALASTRA	BRASA
ALASTRA	BRASA	ESTRALA
BRASA	ROUBA	TERRA
PLANTA	SOJA	NÃO É DE
AGORA	AGRO	MATA
MATA A	MATA	MATA A
MATA	MATA O	MATO
DEIXA O	BARRO	DEIXA O
BARRO	DEIXA	BAIXO

DERRAMA	RAMA	DERRAMA
RAMA	DERRAMA	RAMA
TORRA	TORA	TORRA
TORA	TORRA	TORA
TORO	ATORA	TORO
ATORA	TORO	ATORA
ÍNDIO	CHORA	ÍNDIO
CHORA	ÍNDIO	CHORA
AGRO	ORA	AGRO
ORA	AGRO	ORA
ORA-ORA	ORA-ORA	ORA-ORA
É UMA OVA	É UMA OVA	É UMA OVA
É ÓBVIO	É ÓBVIO	É ÓBVIO
O OBLÍVIO	DO ÓBITO	O OBLÍVIO
DO ÓBITO	O OBLÍVIO	DO ÓBITO
RITO	CÍVICO	RITO
CÍVICO	RITO	CÍVICO
ATO	CÍNICO.	

- terceira edição
- fevereiro de 2025



JÉSSICA IANCOSKI (1996) é escritora, editora e artista gráfica. Fundadora da Toma Aí Um Poema, trabalhou na publicação de centenas de livros e no lançamento de diversos autores. Finalista do Prêmio Jabuti e vencedora do Prêmio Sergio Mamberti (MinC), tem obras traduzidas e publicadas no Brasil e no exterior. Atua na interseção entre literatura, design e novas mídias, explorando formatos inovadores de publicação e distribuição. Atualmente, é curadora do Prêmio Literário da Cidade de Curitiba.



CURITIBA



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**



PROJETO REALIZADO COM RECURSOS DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, MINISTÉRIO DA CULTURA E GOVERNO FEDERAL